

**TEMPOS DIVERSOS, VIDAS ENTRELAÇADAS:**  
trajetórias itinerantes no Extremo-Oeste Paranaense (1970-2000)

Robson Laverdi\*

Entre as décadas de 70 e 90, a região que ocupa a porção extrema do Oeste paraense passou por grandes transformações que são, em parte, integrantes da ocupação daquela fronteira agrícola iniciada no começo dos anos 50. Não como uma continuidade ou temporalidade única, como reivindica as balizas da memória oficial, que preconizam uma dada história da colonização, marcada, sobretudo, pela identidade étnica única alemã. Mas, sim, como um processo da qual faz parte a construção do espaço pela diversidade de sujeitos chegados em diferentes tempos e de muitos lugares.

Deste modo, uma questão de grande importância silenciada pelas versões oficiais é a de que a região foi o destino comum de brasileiros, de muitas áreas, que migraram para e entre as pequenas cidades do interior do estado e da região no período posterior a 70. O peso sobrevalorizado do papel da colonização empreendida pela Companhia Maripá e dos primeiros colonos sulinos escolhidos, envolvidos nesse processo, nublou trajetórias que compõem a paisagem social da região entre esses tempos. Ou, então mesmo, daqueles que haviam participado desse processo em outras formas, para além da tradicional do colonato.

Mesmo com o fim do modelo colonial empreendido pela colonizadora, a região continuou sendo o destino de muitos trabalhadores provenientes do interior do próprio estado do Paraná e de muitas regiões brasileiras, além daqueles tradicionais migrantes vindos dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Deste modo também, as transformações do núcleo urbano de Marechal Cândido Rondon, onde residem os entrevistados dessa pesquisa, não devem ser responsabilizadas, exclusivamente, pelo êxodo dos trabalhadores agrícolas coloniais, mas, paradoxalmente, por um movimento de atração populacional.

Ao perspectivar as narrativas de muitos migrados do campo para a cidade nas três últimas décadas, ganhou visibilidade uma trama de trajetórias, motivações e significações produzidas pelos trabalhadores entrevistados que colocam questões novas ao passado, principalmente na forma como ele havia sido correntemente apresentado. No trabalho de campo da produção das entrevistas, vinte e oito no total, foi de grande surpresa interceptar trajetórias desses migrados antes mesmo de 70, muito obscurecidas pelas afirmações da identidade alemã. Nesse caso, merecem atenção as trajetórias de outros trabalhadores, não sulinos, que chegaram à região nesse período imediatamente ante-

---

\* Professor do Curso de História da Unioeste, doutorando em história pela UFF.

rior. Mesmo constituindo-se num conjunto reduzido de trabalhadores, esses, por sua vez, marcaram a diversidade que realizou a própria colonização, motivo pelo qual talvez não sirvam à memória oficial.

Uma entre as características marcantes do conjunto analisado constitui-se no itinerário plural das trajetórias desses trabalhadores. Antes de migrarem para região, desenharam uma longa trama, cujas motivações eram as promessas de futuro naquilo que expressaram simbolicamente como o *Oeste*, ou às vezes Paraná. Do conjunto ampliado da pesquisa com os entrevistados recortei para análise as trajetórias de cinco deles.

Dona Amara Lins, por onde começamos, é talvez uma entre aqueles últimos trabalhadores remanescentes vivos desse período, que não vieram do sul brasileiro, tendo chegado ao Oeste em 1961. Nascida em Lagoa dos Gatos, no estado de Pernambuco, deu início à sua trajetória de migração aos nove anos, quando então, mudou-se para Palmares de Unas, em Alagoas, onde começou a trabalhar como cortadora de cana numa usina açucareira, a que lembrou como *Catende*. Em seu trabalho nos canaviais, Dona Amara conheceu Benedito, aquele que seria seu marido por algum tempo de sua trajetória e aquele que a traria para o Paraná.

O Oeste não foi a primeira parada da família de Dona Amara no estado. Primeiramente aportaram em Jandaia do Sul, para onde já veio com cinco filhos. Dona Amara e Seu Benedito chegaram primeiramente na porção ao Norte do estado, compondo a então chamada Frente Nortista. Ali trabalharam numa plantação de hortelã, realizando as mais diversas tarefas de plantio e extração do óleo desse vegetal, além de terem trabalhado também no cultivo do café como parceiros.

A partida para São Paulo foi de Garanhuns/PE, de onde tantos outros em paus-de-arara deixaram o Nordeste: “*Dormimos na migração.... No outro dia ganhamos vacina pra entrar no Paraná e vinhamos pro Paraná*”. A paragem em São Paulo, na migração, ficou marcada em sua memória, bem como as condições em que viajavam com “*Só a roupa do corpo e um saco de farinha de mandioca. Farinha de mandioca dentro e a carne de charque e as colher pra comer farinha nos local que parava pra descansar. Porque para o resto... nós não tinha dinheiro mesmo. Nós vinha comendo farinha de mandioca e carne seca assada, no saco de farinha (risos).*”<sup>1</sup>

Há um aspecto interessante na narrativa de Dona Amara sobre a trajetória da família Lins. Segundo ela, o destino não era a cidade de São Paulo, como para muitos nordestinos, tal como ficou cristalizado, e sim o Paraná como um lugar específico. Dona Amara recorda com detalhes o instante da decisão de migrar de Borrazópolis, para onde já havia migrado depois da chegada à Jandaia do Sul, para o *Oeste*, quando naquele momento se lançaram no caminho

Quando chegados no Oeste, os braços da família Lins foram utilizadas no desmatamento da floresta, ainda não totalmente derrubada nos anos 1960. Para aqueles que haviam deixado o Nordes-

---

<sup>1</sup> \_Ver depoimento de Amara Antonia Lins, 72 anos, pensionista, gravado em 9 de fevereiro de 2001, p. 7.

te em paus-de-arara, a promessa de terra movia-os de uma maneira muito entusiasmada. Interessante notar no desenho da mobilidade de Dona Amara os significados de sua travessia pelo solo brasileiro. Inclusive pela capacidade de forjar decisões no interior de um processo migratório nunca definitivamente concretizado, mesmo porque, ainda na infância já havia migrado do estado de Pernambuco para o de Alagoas.

Nesse caso há um sobressalto para uma memória romântica que reconstitui esse passado, ressaltando as perdas ao longo do caminho. Para Dona Amara, migrar para o Oeste significou contrastar os sonhos com uma realidade de perdas de um mundo já conquistado, embora deixado para trás, em Alagoas, para onde já havia migrado uma vez:

“Nós tirava por mês dois milheiros de banana, ia para Garanhuns a nossa banana, nós tinha mesmo pra exportar sabe? O caminhão não pegava na porta, mas nós levava nas costas do cavalo e botava na cidade e a cidade embarcava, encaixotava e levava para Garanhuns. Porque lá tinha fábrica de doce. Nós tirava duas carga de banana por mês, nós tinha porca criadeira, uma porca pra criar porco pro gasto, nós tinha pato, nós tinha ganso, todo tipo de galinha, nós tinha um terreno pra plantar abroba. Saía dois caminhão de abroba, vendida a quatro centavo o quilo. Nós tinha terra de mandioca completa, mandioca, inhame, gengibre, feijão, alfafa que dá na rama da mandioca, nós tava com tudo completo pra colher na roça. Uma planta de abacaxi, uma planta de gengibre, e uma planta de inhame e um planta de mandioca na hora de colher pra fazer farinha. E esse bananal. Nós pagava uma importância de cem real por ano. Trabalhava o ano inteiro, nós pagava a importância pro patrão de cem real pra colher. Ou todo ano a colheita e se vir se manter com o que tinha. Nós acabemos com tudo, meu filho. E liquidemo tudo, e viemos para o Paraná.”<sup>2</sup>

De alguma maneira o conteúdo da narrativa de fartura lembrado por Dona Amara vai forjar uma contraposição, entre o mundo deixado para trás e aquele encontrado em seu destino, destacando-se, nesse caso, a miséria vivenciada no novo lugar prometido.

Seu Cosme Ferreira Gonçalves, o Pracinha como também é chamado, compartilha com Dona Amara as experiências de mobilidade antes mesmo de chegar ao Paraná, em 1966, com apenas dezoito anos, no então município Oeste Paranaense de Assis Chateaubriand. Mineiro de Ituetas, Pracinha recorda com muitos detalhes, e uma ênfase narrativa, a infância e a mudança, ainda quando criança, para os cafezais de Santa Luzia do Pâncrea, no Espírito Santo:

“Minas Gerais é impossível lembrar porque o seguinte: —e eu nasci em Minas Gerais, sou natural de Itueta e de Minas então a gente foi pra Espírito Santo. E a gente foi no balaio de cargueiro, que naquela época seria o transporte mais adequado. Então... a gente era muito novo”.<sup>3</sup>

Um dos traços marcantes da narrativa de Pracinha é o modo detalhado de relembrar sua experiência migrante. Seu corpo é envolvido numa aura de rememoração, mostrando-se uma performance de profundo envolvimento com aquilo que está sendo dito. E, muito mais também, do não

---

<sup>2</sup> \_ Idem, p. 9.

<sup>3</sup> \_Ver depoimento de Cosme Ferreira Gonçalves (Pracinha), 54 anos, pequeno comerciante, gravado em 24 de abril de 2001, p. 1.

dito, quando a emoção do falar o faz reviver um mundo que até então somente ele havia experimentado e guardado.

Tirando “*Minas Gerais [que] é impossível lembrar*”, porque fora apenas seu lugar de nascimento, reconstrói a trajetória de sua vida com imagens bastante elaboradas. O trabalho como meiro, empreendido por sua família nos cafezais de Santa Luzia do Pâncrea/ES, ganha importância e lhe possibilita refletir sobre a condição de errante. Num interessante movimento da narrativa, Pracinha se auto-adverte para a temporalidade passada de sua experiência em que “*então o que acontece, acontece não, acontecia melhor dizendo*”.

No Espírito Santo sua família dá continuidade à vida, trabalhando nos cafezais que outrora eram de Minas, já que “*Nas época, então, o café era a principal fonte de renda nossa, mas como nós era meiro, nós tinha que dar partes pro patrão. Então tinha anos que as vez a safra era boa, você faturava mais ou menos de acordo. Então, sempre se sabe, quando você fatura bem, você anima pro próximo ano. Tinha ano que as vez você não tinha essa felicidade, de repente...*”.<sup>4</sup>

Do súbito silêncio, o trabalho da memória reconstitui com emotividade, as palavras cruciais do seu pai:

“Eu não! Nunca mais vou mexer com lavoura de café, eu não quero mais mexer com lavoura de café. Nós vamos embora pro Paraná. E na época... Paraná, sempre foi e continua sendo, referência no país inteiro porque produz bem. Nós vamos vender tudo que temos e vamos pagar o que nos restou dever e aí nós vamos embora pro Paraná!”.<sup>5</sup>

Há algo ainda de emblemático na versão de Pracinha sobre a decisão de vir para o Paraná: “*Só que aí vem àquela história: você conhece o Paraná? [Ele próprio responde] Não conhece! Nós não conhecíamos o Paraná. Só que é como eu te falei antes, a gente sempre obediente aos pais, ele falou: nós vamos! Então vamos!*”.<sup>6</sup>

É preciso destacar o caráter incerto dessas trajetórias, quando esses trabalhadores se lançavam à migração. Como expressou Pracinha, Santa Luzia do Pâncrea/ES “*não serve mais! Eu preciso de sair! Eu preciso de procurar melhora! Não se sabe se vai achar melhora, mas... Se sai sem rumo. Nós tinha um rumo que era Assis Chateaubriand, mas saber o que ia fazer nós não sabia. Nós viemos na escura! O pai falou, nós viemos!*”<sup>7</sup>

Sobre essas trajetórias de sulinos, são interessantíssimas as memórias de Seu Curt e Dona Hedwig Ringenberg. Esse casal de catarinenses, de Ibirama, chegou a Porto Mendes, um distrito de Marechal Cândido Rondon, na margem do Rio Paraná, em 1961, depois de adquirirem uma colônia de terras da Colonizadora Maripá. Vinte anos mais tarde, em 1981, mudaram-se para a cidade “mo-

---

<sup>4</sup>\_Idem, p. 3.

<sup>5</sup>\_Idem, p. 4.

<sup>6</sup>\_Idem, ibidem.

<sup>7</sup>\_ Idem, p. 5.

tivados” pela indenização de suas terras para o represamento do Lago e construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Em suas narrativas do passado, anterior à migração para o Oeste Paranaense, há um chão de lutas muitas vezes ignorado pela necessidade de encaixar suas memórias à colonização. Ao entrevistar Seu Curt e Dona Hedwig surpreenderam suas trajetórias como trabalhadores comuns e suas itinerâncias, que os levaram a migrar antes mesmo de 1960, ainda quando residiam no Estado de Santa Catarina. Lembrou Seu Curt dos motivos:

“O meu pai, ele veio da Alemanha! E minha mãe nasceu em Rio Grande. E daí, meu pai faleceu eu estava com doze anos. Daí, meu irmão mais velho, ele tava como vinte anos mais velho que eu. Então eu fui na casa dele e comecei a estudar na escola. E daí depois, quando terminei a aula eu fui trabalhar de bóia-fria. E depois disso, quando eu fui servir o Exército, eu fui servir no Rio de Janeiro e quando eu ganhei baixa do Exército, eu voltei e comecei a trabalhar bóia fria. E daí, comecei a conhecer ela [Dona Hedwig].”<sup>8</sup>

A narrativa de Seu Curt evidencia elementos importantes para a discussão. Sob uma forte marca do sotaque de algum dialeto alemão, relembrou de seu trabalho como bóia-fria e sua primeira itinerância para a cidade do Rio de Janeiro, quando para lá se destinou em 1945 para servir no Exército, pois, *“naquela época a gente era obrigado ir onde eles mandavam. E todo mundo tinha que servir, quem estava normal tinha que servir.”*<sup>9</sup>

Assim como Seu Curt, Dona Hedwig num período pouco anterior, em 1938, já também havia migrado de Ibirama para Blumenau, quando então:

“Para dizer a verdade! Eu vou dizer a verdade... Que meu pai sempre tava muito doente e nós sofrendo sobre isso muito. E daí nós saímos de casa, fomos para Blumenau. A minha irmã as outras foram também se arrumando. E daí em tempo tempo, a gente fica lá uns cinco anos. Fiquei em Blumenau trabalhando de empregada lá e daí fui voltando. Em tempo tempo nós fomos conhecer e aí casemos.”<sup>10</sup>

Interessante notar em sua narrativa a decisão de *“dizer a verdade”*, como talvez antes não tivesse feito, de falar de outras coisas como da primeira migração e seu passado itinerante, da vida de empregada doméstica ou outra dimensão mais profunda silenciada na entrevista. Sua narrativa emerge mediada por um referencial simbólico de buscar protagonizar sua trajetória a partir de um outro enfoque, talvez antes ainda não consentido pelas versões correntes, as quais suas memórias parecem acrescentar outras. Há em sua narrativa um outro elemento significativo, que a faz lembrar do tempo anterior à vinda para o Oeste, quando uma outra migração já então havia precedido aquela para Oeste.

---

<sup>8</sup> \_ Ver depoimento de Curt Ringenberg, 75 anos, agricultor aposentado, gravado em 7 de fevereiro de 2001, p. 1.

<sup>9</sup> \_ Idem, ibidem.

<sup>10</sup> \_ Ver depoimento de Hedwig Ringenberg, 75 anos, agricultora aposentada, gravado em 7 de fevereiro de 2001, p.2.

Uma vez retornados a Ibirama, Seu Curt do Rio de Janeiro em 1946 e Dona Hedwig de Blumenau em 1943, conheceram-se e casaram em 1949. A ali permaneceram por mais doze anos. Dona Hedwig aprendeu “*um pouco de permanente* [uma forma de penteado]” e ajudou no orçamento trabalhando de cabeleireira aos sábados à tarde, e Seu Curt, trabalhou na roça, que à época, “*não tinha terra, nós quando plantava tinha que pagar renda para os outros. E por isso nós resolvemos vim para Paraná porque aqui era tudo mato e terra boa pra nós poder continuar*”.<sup>11</sup>

Seu Zelmo de Gonzatto, também trabalhou desde a infância no campo e em 1974 quando se mudou para Marechal Cândido Rondon, já chegou na condição de um trabalhador urbano. Importa lembrar, contudo, que tivesse vivido todo seu passado no meio rural de Ijuí, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, onde nascera e nesse lugar trabalhou desde muito cedo junto com os pais e irmãos na farinheira familiar, a que chamou de *tafona*:

“Então ali eu trabalhei muitos anos nessa tafona. É com os peão, assim... o pessoal. E a minha profissão mesmo é puxar mandioca da roça pra tafona. Comecei com... puxava carroça de boi, até com duas juntas de boi, ali foi uns três, quatro ano fazendo aquilo ali com carroça de boi. Depois passemos, passei puxar com trator tratorzinho assim, rebocava a carroça atrás.”<sup>12</sup>

Em 1958, Seu Zelmo retornou depois de prestar o serviço militar em São Borja, no mesmo estado, que rememorou como uma experiência “*muito boa, gostei muito do exército, me arrependi de ter dado baixa... é, devia estar até hoje lá. E tinha vaga pra ficar e não quis, me arrependi!*”<sup>13</sup> Uma vez de regresso, trabalhou ainda um tempo na *tafona* até a época próxima de casar-se, isso em 1961:

“Aí paremos! Passemos com granja, plantar trigo... Três safra de trigo falhou. A seca... né?! Perdemos também ali, compremos trator novo e tudo, entreguemos pro banco... E não conseguimos pagar né! Por causa da seca, estiagem (pausa). Aí eu passei a, então casei, passei trabalhar na roça, na colônia trabalhei uns dois, três anos. O negócio começou a ficar ruim, também o preço do soja não valia quase. Plantar pouquinho não adiantava. Tinha que plantar (pausa) 30 saco de semente ou nada, porque não tinha condições, né?”<sup>14</sup>

Embora seu Zelmo trabalhasse na farinheira familiar, demonstrou não ter a mesma relação afetiva com a terra, tal como observamos nas outras trajetórias. O curto período de tempo em que trabalhou na colônia, conforme expressou Seu Zelmo,

“Sei que foi um drama aquilo ali”. Aí eu desisti de tudo, peguei e vim pro Paraná... Larguei, larguei mão da, da colônia. Não dá, não dá e pronto vou aventurar trabalhar de empregado que... Então eu achei que era melhor. Sofrendo na colônia lá e plantava quando colhia o preço caía lá em baixo, como que ta até hoje isso aí não mudou nada... pouca coisa... É... Sei

---

<sup>11</sup> \_ Idem, p.4.

<sup>12</sup> \_Ver depoimento de Zelmo de Gonzatto, 63 anos, carpinteiro aposentado, gravado em 27 de abril de 2001, p. 1.

<sup>13</sup> \_Idem, p. 4.

<sup>14</sup> \_Idem, p. 2.

que daí falando que de... do Rio Grande do Sul vim pra Itacorá, trabalhar numa empresa, lá numa serraria, numa fita de madeira”.<sup>15</sup>

Quando deixou o Rio Grande do Sul, sua família sofrera também com a migração de outros dois irmãos. Um que fora para São Paulo e outro para Goiás. A lembrança parece dar outras significações à migração, entre elas a diáspora de seu núcleo familiar: “*Esse [irmão] que está em São Paulo até veio no primeiro ano que eu estava em Marechal Cândido Rondon, ele teve aí, em Rondon, em casa. Mas esse de Goiás, nunca mais se enxerguemos (pausa).*”<sup>16</sup>

A pequena cidade de Itacorá constituiu-se no lugar de destino de Seu Zelmo de Gonzatto no Oeste Paranaense. Localizada na porção extrema da região Oeste, muito próxima ao município de Foz do Iguaçu, nos anos 70 a cidadezinha foi completamente submersa para a construção do Lago de Itaipu.

A construção de Itaipu durante o período militar fez deslocar muitos trabalhadores, não só entre eles pequenos proprietários rurais cujas terras foram indenizadas. Muitos entre aqueles trabalhadores em serviços que não detinham a propriedade da terra - Seu Zelmo é um entre muitos - sofreram com a demissão ou outras formas de prejuízo que não foram exclusivas dos proprietários indenizados.

Seu Zelmo chegou a Marechal Cândido Rondon em 1973 e precisou recomeçar sua vida da estaca zero. Arrumou um *barraco* para morar e precisou mudar de profissão, tornando-se então um carpinteiro. Quando confrontamos a trajetória de Seu Zelmo com outros trabalhadores, que teve de “*soltar o pulo aí pra um lado pra outro*”, extraímos o mote de todas as experiências aqui tratadas, constituindo-se numa espécie de síntese das vidas humanas lançadas ao léu das itinerâncias.

Os sentimentos implícitos de terem sido “*dirigido por um amigo*”, como aparece na narrativa de Dona Amara, ou simplesmente por ter vindo “*na escura*”, como no caso de Pracinha. Ou ainda, as trajetórias itinerantes dos primeiros agricultores sulinos, com caso de Seu Curt e dona Hedwig, ou mesmo “*soltar o pulo*” diante das mudanças autoritárias forjadas durante o regime, como precisou fazer Seu Zelmo, indicam o campo da precariedade e imprevisibilidade enfrentadas por esses trabalhadores vindos em diferentes tempos e lugares tão díspares. As versões organizadas acerca do planejamento da colonização, em que os colonos sabiam o que queriam, quando submetidas ao confronto com tais narrativas adquirem novos sentidos e denunciam muitos esquecimentos.

Na audição dos depoimentos ganhou visibilidade uma trama de experiências entrelaçadas pelo fazer-se de sujeitos reais no viver da classe trabalhadora. Nesse sentido, as narrativas incorporaram ao entendimento desse processo social outras dimensões importantes acerca dos mundos do trabalho, dos sonhos, das motivações, das frustrações, dos conflitos e das transformações mais am-

---

<sup>15</sup> \_Idem, ibidem.

<sup>16</sup> \_Idem, p. 5.

plas, com as quais se posicionaram como agentes protagonistas. Evidenciou, acima de tudo, uma paisagem social diversificada, permeada pela riqueza de bagagens culturais distintas.

Um segundo eixo de considerações diz respeito aos itinerários complexos das trajetórias dos migrantes. Os entrevistados mostraram-se como responsáveis pelas escolhas da migração, contrariando sobremaneira versões oficiais que retiram dos sujeitos o peso das decisões em favor dos projetos ampliados da colonização planejada.

De outro modo também, as memórias evidenciaram o traçado dos itinerários para o Oeste do Paraná como uma possibilidade, às vezes um porto de passagem, e não “o” lugar ideal de destino final paradisíaco. A atenção especial dada às trajetórias dos sujeitos iluminou itinerários múltiplos e fluídos, ricos de esperanças e sonhos de terra e trabalho, imersos em movimentos muitas vezes inconclusos.

As memórias versam, sobretudo, sobre experiências migratórias como escolhas próprias daqueles que permaneceram e/ou retornaram depois de algumas tentativas frustradas. Esse mapa de itinerâncias é traçado por narrativas protagonistas, que mostraram fazer opções conscientes, ante a pequena margem de escolhas que as dificuldades da vida lhes apresentavam.

De outro modo, também, viabilizou penetrar no universo das experiências migratórias dos trabalhadores sulinos de descendência européia. Esse mergulho viabilizou conhecer itinerários não previstos pelo estereótipo da memória oficial. Uma trama de histórias de vida de sujeitos no fazer-se da classe, nas lutas pela sobrevivência e trabalho, permeadas também, e sobretudo, pela experimentação das contradições, que desses processos são inerentes.

Descobrir e relacionar histórias de vida de trabalhadores migrados para e no Oeste Paranaense permitiu restabelecer uma conexão entre os sentidos do viver de homens e mulheres que entrelaçaram suas trajetórias e itinerários num espaço em construção.